



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 11

Agroecologia e Agriculturas
Urbana e Periurbana



Transição agroecológica, potenciais e desafios: caso do Sítio Brejo Queimado – Juazeiro do Norte/CE

Raquel Barros Justino¹; Maria Adriana Alves Dantas²;

Manoele Magda de Sousa Silva³; Deiziane Lima Cavalcante⁴

Universidade Federal do Cariri – UFCA, ¹raquel_barros.rbj@hotmail.com;

²adriana_dantas@hotmail.com; ³manoellemagda@gmail.com; ⁴ deiziane.lima@ufca.edu.br

Tema Gerador: Agroecologia e Agriculturas Urbana e Periurbana

Apresentação

Relato sobre a trajetória de mudanças de um terreno localizado no sítio Brejo Queimado em Juazeiro do Norte – CE, desde que foi adquirido pela família Barros. Suas melhorias e disputas de terra enfrentados pelos moradores da localidade.

A família Barros e as CEBs

A trajetória de vivência com a terra e a produção agropecuária da família Barros vem sendo traçada desde que Nezim e Rosinha eram jovens, nascidos no município de Caririáçu, interior do Estado do Ceará, participando muito das atividades agrícolas e sociais desenvolvidas no Sítio Coronzol, no mesmo município, principalmente por causa das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), apresentada a comunidade pelo Padre Machado. Se reuniam para os compromissos da igreja mas iam muito além disso, discutiam a importância da união dos moradores, lutavam contra qualquer tipo de exploração, ajudavam uns aos outros fazendo mutirões para quem precisava ou para uma obra que iria beneficiar todo o Coronzol, como o açude, por exemplo e durante todas essas atividades discutiam e faziam política, mesmo sem saber.

Nezim e Rosinha se casaram no ano de 1990 e foram morar em Campinas, São Paulo. Lá nasceu Raquel, em 1993. Voltaram para a zona rural de Caririáçu em 1994 e Raqueline nasceu em 1995. Em busca de melhores oportunidades resolveram se mudar para Juazeiro do Norte no ano de 1996, mesmo ano em que nasceu Geraldo, completando a família Barros. Eles viveram em um bairro muito movimentado de Juazeiro até 2003, quando conseguiram comprar o terreno no Sítio Brejo Queimado.

O sítio Brejo Queimado localiza-se na cidade de Juazeiro do Norte, região do Cariri cearense e é composto por vários terrenos. Um deles foi adquirido pela família Barros no ano de 2001. Desde então a família trabalha para transformar o terreno em um local onde haja equilíbrio ambiental, passando assim por uma transição agroecológica.



Quando adquiriram o imóvel, o terreno possuía apenas uma casa pequena, uma cacimba (que existe até hoje), além de contar com diversas mangueiras e coqueiros e ser “cortado” pelo rio Timbaúba e por isso nos períodos chuvosos o terreno ficava bastante inundado.



Figura 1 – Família Barros.

Estabilidade da família e produção vegetal

No período de 2001 a 2003 houve o aterramento do terreno e foi construída uma casa maior no lugar da que tinha antes, os Barros também plantaram uma grande diversidade e quantidade de árvores, principalmente frutíferas, em toda a extensão do terreno, como mangueiras, bananeiras, abacateiros, mamoeiros, cajazeiras, cajueiros, laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, pitangueiras, jenipapeiros, pés de acerola, pés de graviola, macaúbas, araticuns, oliveiras, tamarindos azedos, tamarindos doces, carambolas, sapotis, tangerinas, romãs, melancias, jerimuns, urucum, entre outras.

A família se mudou definitivamente em 2003, mesmo com a casa ainda em construção. Parte da renda da família vinha da venda das frutas, principalmente manga e coco, que eram vendidos nas ruas de Juazeiro do Norte. Foi nesse período que iniciaram, também, o cultivo de hortaliças em canteiros, plantando principalmente coentro e cebolinha para subsistência da família, tudo cultivado de maneira orgânica e posteriormente foram plantados vários pés de pimenta.



Outro ganho para a família Barros foi o plantio de uma grande variedade de plantas medicinais, principalmente por causa de toda a sabedoria popular que Rosa aprendeu com sua mãe e sua comunidade, em Caririaçu. Existem plantas como malva do reino, malva corama, mastruz, hortelã, alecrim, arruda, capim-santo, cidreira, arnica, insulina, manjeriço, noni, carqueja, babosa, quebra-pedra, canaã, entre outros.

Rosa ainda cultiva plantas ornamentais e por elas tem um grande carinho e cuidado. Existe uma grande variedade, indo de flores (incluindo rosas) até suculentas e cactáceas. E ainda distribui mudas dessas plantas para quem quiser.

Boa parte das plantas são irrigadas por um sistema de irrigação alternativo feito por Nezim, que compreende alguns aspersores e Materiais que não são associados com as irrigações convencionais. A água é retirada da cacimba através de uma bomba e a água é distribuída para todo o terreno através de mangueiras.



Figura 2 – Diversidade vegetal

Já em 2007, Rosa começa a comercializar os produtos do Sítio Brejo Queimado no Centro de Abastecimento Raimundo Viana, conhecido como mercado do Pio XII e posteriormente na feira da rua Santa Luzia. Leva de tudo, desde as frutas, saquinhos de pimenta e as plantas medicinais. O principal produto é a acerola, que tem disponível durante quase todo o ano.

Produção animal

Desde que se mudou, a família tem seus animais de criação, como galinha caipira para abate e produção de ovos, caprinos e ovinos para abate e produção de leite. Todos os produtos são para a subsistência dos Barros. Esses foram os animais que mais se adaptaram ao local, além de ter um manejo mais simples, sendo criados em um



sistema de produção semi-intensivo. Para a alimentação deles, existe uma área com pastagem para os pequenos ruminantes, algumas espécies presentes são: sorgo, milho, capim-de-burro e cana-de-açúcar. Enquanto as aves são alimentadas com milho e restos de hortaliças que sobram das feiras.



Figura 3 – Criação de caprinos

Conservação da água e do solo

Em 2007 foi construída uma cisterna com capacidade para 36 mil litros de água, ela está ligada por tubulação a casa e a um cômodo que serve como oficina. A água é utilizada principalmente para cozinhar e beber, mas é utilizada para o consumo de toda a casa durante a quadra chuvosa. Dessa forma, não há necessidade de utilização de água da CAGECE (Companhia de Água e Esgoto do Ceará) durante esse período, economizando na conta de água.

A família também se preocupa com a conservação e fertilidade do solo, mantendo toda a vegetação que cai sobre ele, formando uma serra pilhera, que se transforma em matéria orgânica. Além de manter a umidade e proteger da erosão hídrica e eólica. O esterco produzido a partir das fezes dos animais de criação também é incorporado ao solo, principalmente na horta e nas árvores frutíferas de pequeno porte.



Figura 4 – Cisterna com capacidade para 36 mil litros.

Destino correto para o “lixo”

Por não ser na zona urbana, não existe coleta seletiva por meio da prefeitura na zona rural, então toda a separação do Material é feita pela família. A parte que pode ser reciclada, como plástico e metais é entregue para catadores que participam de associações. O Material orgânico serve pra alimentação dos animais de criação e estimação. Os restos das culturas e folhas secas que caem no terreno são incorporados ao solo. O Material que não pode ser aproveitado é juntado e levado para o local de coleta nos dias em que esta ocorre.

Sementes crioulas e soberania alimentar

Na despensa da casa da família existe um pequeno banco de sementes crioulas, adquiridas através de doações ou troca com agricultores que vendem em feiras agroecológicas da região. Mas algumas sementes são sempre mantidas de um ano para o outro, como é o caso das sementes de feijão. Esse é plantado, colhido e seco. Uma pequena parte é selecionada para ser armazenada e plantada no ano seguinte. Outros exemplares sementes de melancia, quiabo, gergelim, maxixe, amendoim, mamão, coentro e beijoqueira (flor). Dessa forma, os Barros tem mais soberania sobre o que estão produzindo para a alimentação e comercialização, se tornando cada vez mais independentes de grandes empresas que vendem sementes híbridas, transgênicas, agrotóxicos e outros insumos.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 11

Agroecologia e Agriculturas
Urbana e Periurbana



Disputa territorial

Em 2013, foram iniciadas algumas obras no riacho Timbaúbas e no seu entorno. Nenhum dos moradores dos terrenos do Sítio Brejo Queimado foram avisados das obras, enquanto isso essas continuaram. Com o tempo, descobriram que se tratava da construção do anel viário da cidade de Juazeiro do Norte, que dá acesso ao aeroporto da cidade.

O terreno da família Barros tinha 23 metros de largura por 500 metros de comprimento (11.500 m²), desses 500 metros, 200 foram tomados (no total 4600 m²). O que acabou acontecendo com todos os outros terrenos.

Os primeiros atingidos mobilizaram os outros moradores para uma reunião onde foram repassados todos os detalhes da situação. Quando perceberam que a construção do anel e invasão das áreas era inevitável foram atrás de alguma indenização por parte da prefeitura.

Houve um desgaste muito grande para conseguir algum retorno da prefeitura quanto à indenização, e nenhum acordo foi feito. A situação foi denunciada e a única resposta tida foi de uma deputada federal, que informou haver uma verba a ser repassada, porém até agora nenhuma família recebeu nada.

Com as obras, o riacho Timbaúbas foi praticamente morto e grande parte do lençol freático também. Dessa forma o nível da água disponível para as cacimbas diminuiu muito. As obras pararam em 2015 e ainda estão em sua fase inicial, desde então não foram mais retomadas.

Conclusão

Por ser uma área em processo de transição agroecológica, muita coisa ainda precisa ser feita, mas é verdade que a biodiversidade e a relação homem-natureza está cada vez melhor. Existem muitos desafios, no momento o principal é saber lidar com a área depois dos impactos sofridos e repassar todos os conhecimentos agroecológicos para os outros moradores do Sítio Brejo Queimado, já que muitos não tem o mesmo cuidado com a biodiversidade local.

É importante que mais pessoas saibam como lidar com a terra vendo exemplos onde todo o processo está dando certo. É preciso difundir essas práticas. Mostrar a agricultores e profissionais das ciências agrárias alternativas que substituam práticas convencionais que só fazem mal a natureza e conseqüentemente ao ser humano.